



ESTORVO E ANGÚSTIA: ALGUNS PONTOS DE CONTATO¹

*Francisco Mateus Conceicao*²

Há um momento na trajetória de Chico Buarque em que ele se decide e se propõe como romancista. Isto se manifesta com a publicação de *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995) e *Budapeste* (2003). Pressupõe-se que, ao fazer isso, Chico Buarque possui um projeto, um conceito e um lugar que almeja na literatura brasileira. Para entendê-los é necessário analisar as relações do texto literário de Chico Buarque com a literatura brasileira, bem como com sua produção artística anterior. Neste estudo nos deteremos no primeiro item, procurando, a partir da relação Chico/Graciliano, demonstrar a ponte existente entre o romance de Chico Buarque e o de 30. Percebe-se, ao ler *Estorvo*, forte relação entre as primeiras páginas do livro e as últimas de *Angústia*, de Graciliano Ramos. Ao final deste romance, depois de ter cometido um violento crime de assassinato, Luís Alves se refugia, sob o terror do medo e da culpa, na pensão em que mora. O tempo transcorre sem medida exata, entre o sono e a realidade, em completo delírio. Algo semelhante à situação inicial de *Estorvo*, em que o personagem-narrador, que dormira tarde, escuta a campainha chamar, espia pelo olho mágico, mas não atende, tenta escorregar “de volta para a cama” mas é impedido pela nova chamada da campainha. Em ambas as narrativas há o medo cristalizado, no caso de *Angústia*, em razão de um crime cometido; no caso de *Estorvo*, por razões difusas, mas não menos fortes. Em ambas, atuam, nesse recorte da narrativa, a casa, o quarto e a cama como projeções infantis da proteção maternal. Além disso, nos dois textos, a ameaça externa manifesta-se, fisicamente, através da atuação aparentemente policiaesca de outro personagem, percebido, em um caso, através da janela, e, em outro, pelo olho mágico. Esse ponto de identificação entre as narrativas serviu-nos de desafio inicial para analisar possíveis homologias entre as obras. Percebemos, então, que elas vão além desse episódio. O signo da morte, a perda da referência paternal, a negação do tempo presente são centrais nas duas narrativas. Há pontos de aproximação e de afastamento entre elas, ao quais se traduzem, também, na realização estética de ambas as obras. Quais os fundamentos desse diálogo intertextual? Nossa hipótese é que a temática da urbanização, em um autor, e do mundo urbano contemporâneo, em outro, possibilita um fio condutor entre as obras. Conforme Cerisara Gil, *Angústia* pode ser conceituado como romance da urbanização. Por sua vez, Roberto Scwharz vê em *Estorvo* uma metáfora formal do Brasil contemporâneo. É possível inferir, então, que, se uma narrativa aborda o fenômeno da modernização e a conseqüente ascensão das cidades e metrópoles, a outra mergulha por completo no caos referencial da metrópole contemporânea.

¹ Artigo

² Professor do DELAC/UNIJUI